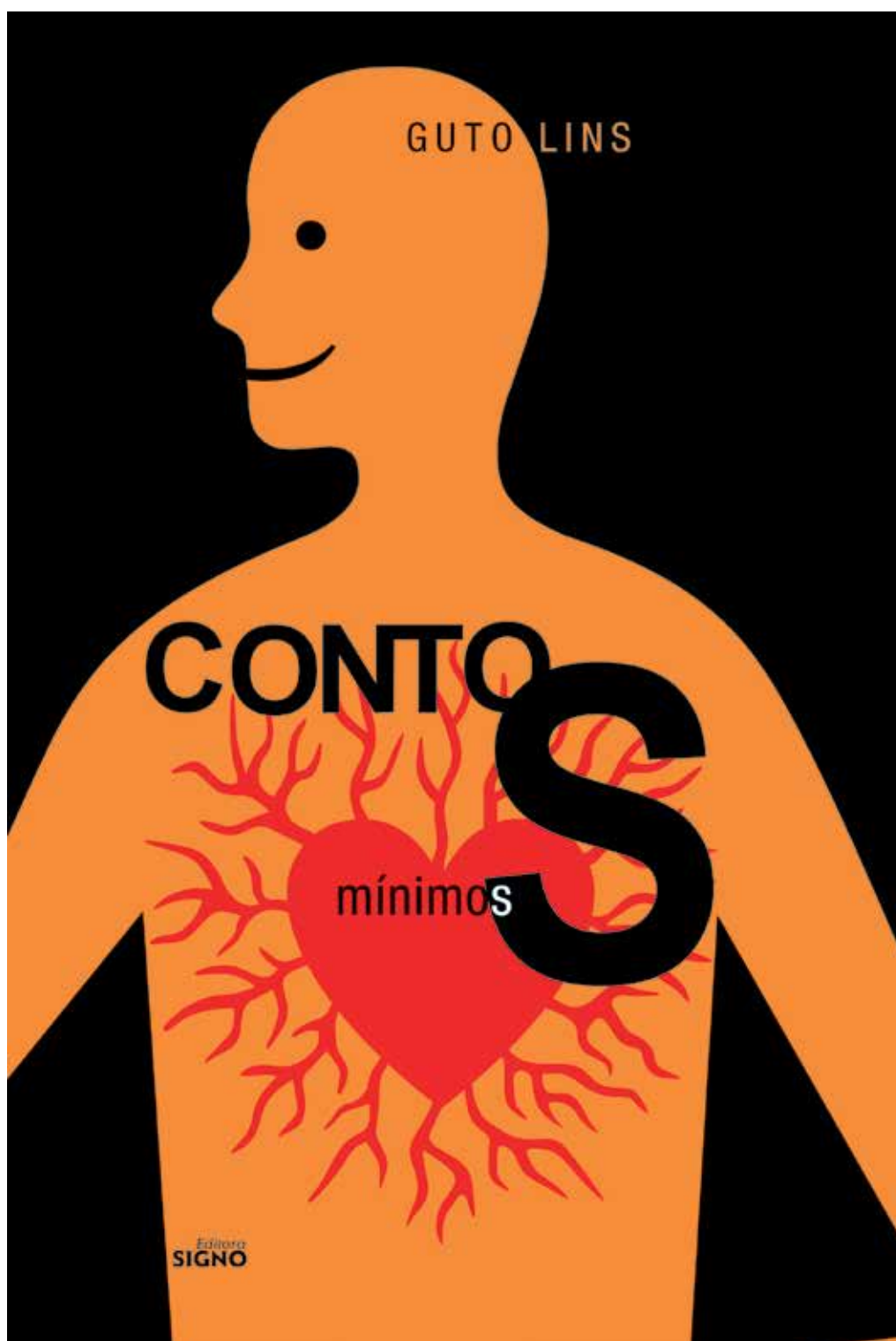


MANUAL DO PROFESSOR



Contos Mínimos

Guto Lins

Ilustrações: Guto Lins

Tema: resgate da infância e da juventude

Gênero literário: conto

Categoria: 2

(8º e 9º anos)

SIGNO EDITORA

Rua Petrópolis, 51 – Trevo

31370-750 Belo Horizonte – MG

1ª edição

2018

Caras Professoras e Professores

Este Manual Digital trata de um livro de contos, na verdade, minicontos: **Contos mínimos**, voltado para o público juvenil, especialmente para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – inscrito, portanto, na Categoria 2 do Edital do PNLD 2020 para obras literárias.



A biografia de seu autor, Guto Lins, aparece no final do próprio livro. Outro escritor importante, Luiz Raul Machado, fala também desta obra e de Guto Lins, à página 11. Mas, além desses dados, constantes no livro, parece-nos importante explicitar algumas questões que marcam a produção deste artista múltiplo e suas escolhas estéticas.

Em geral, quando a editora (vamos pensar em uma produção para criança ou adolescente) recebe um texto de um escritor, tem em mãos apenas um original, que, se aprovado, receberá dela os cuidados necessários para a produção de um livro: define alguns dados do projeto gráfico, ou pede que alguém faça isso – mais normalmente, um bom ilustrador, que também sabe cuidar do tal projeto. Superada essa etapa, entregue a “boneca” do livro, com todas as definições concretizadas, a editora avalia tudo, e, aprovado o trabalho, encaminha-o para a gráfica imprimir o livro. Alguns autores de texto costumam propor ilustradores, ou até trazem essa boneca pronta, para análise e aprovação da editora. E existem ilustradores que escrevem, levando para a editora a proposta pronta de um livro: este é o caso de Guto Lins, que, designer gráfico reconhecido e ilustrador premiado, dá a seus textos o tratamento gráfico que considera mais adequado, conforme seus propósitos de comunicação com um leitor preferencial, minimamente imaginado em função de idade e experiências de leitura.

No caso da coleção de livros para o público adolescente e jovem, sua proposta é de livros de formato pequeno e imagens com alguma inspiração na Arte Pop (Pop Art).

Desse modo, praticamente não foram necessárias, no caso de **Contos mínimos**, adaptações de formato usadas por muitas editoras brasileiras, para atender aos compreensíveis critérios econômicos do último edital do MEC.

Tampouco se tratou, na origem, do formato econômico das “edições de bolso”, mais comumente criadas para lançar no mercado livros de autores já conhecidos e reconhecidos pelo público e pela crítica – normalmente, os chamados “clássicos”, que têm, assim, edições em preços mais acessíveis.

No caso de Guto Lins, trata-se de uma opção estética, considerada coerente, num casamento feliz entre texto verbal, projeto gráfico e ilustração.

Sobre os textos, vocês poderão perceber a qualidade dos contos, levando ao máximo a concisão exigida por esse gênero, nos quais a linguagem marcadamente coloquial tira o melhor proveito de um fino humor, aliado à poesia, no sentido mais amplo (fora, também, o uso de recursos adicionais do poema, como a rima, aliterações, às vezes até o ritmo poético).

Sobre a aproximação com a Arte Pop (ou Pop Art), que se inspira e faz uma releitura da arte popular, o ilustrador experiente faz uso das simplificações, elementos da linguagem dos quadrinhos e objetos e imagens do cotidiano urbano e das cores fortes. Lembrem-se algumas das figuras mais importantes do movimento: Andy Warhol, Jasper Johns e Roy Lichtenstein, dos Estados Unidos, com tendência a criticar o consumismo americano, e brasileiros, que inicialmente pretenderam sobretudo criticar a ditadura instalada no país a partir de 1964: Claudio Tozzi e Rubens Gerchman, por exemplo. E vale a pena conhecer o artista plástico Romero Britto, que tem grande sucesso de público. A Pop Art tem até hoje grande influência na publicidade, na criação de rótulos e cartazes, e na moda. Nossa música tropicalista teve também claras influências desse movimento.



Antes de avançarmos no trabalho específico em torno destes contos, julgamos oportuno expor alguns pontos que vão orientar nossa conversa neste Manual.

Inicialmente, gostaríamos de assegurar que vemos nossas observações e sugestões como uma forma de discutir e talvez ampliar as formas de vocês lerem com seus alunos estes contos. Nesta proposta, imaginamos poder abordar pontos ou enfoques que podem ajudar a tornar a leitura mais significativa para sua turma. Nem cabe a discussão sobre as condições privilegiadas que vocês têm para escolher dentre elas as que mais serão adequadas a seus alunos – seja pelo nível de leitura deles, seja pelos temas que mais lhes interessam, ou que, na opinião de vocês, precisam ser tratados em sala de aula. Alguns lembretes, no entanto, nos parecem essenciais, nesse momento de escolhas:

- a) Nossos alunos nunca serão conhecidos plenamente por nós: eles nos surpreendem frequentemente, mesmo em relação a seus gostos e expectativas, pelo que vale a pena mudar estratégias e apresentar-lhes o novo ou aparentemente fora do que eles esperam.
- b) Puxar pela inteligência deles, trazer-lhes um desafio, algum grau de dificuldade ao que já conseguem vencer, é a melhor maneira de fazê-los progredir, em qualquer área, e também nas suas leituras.
- c) Por outro lado, somente vale a pena a atividade que verdadeiramente contribua para aproximar a turma de outras leituras, e da leitura, não só da literatura, mas das artes em geral e das mais diferentes situações da vida.

Outro ponto a salientar é que devemos propiciar, antes de mais nada, o encontro do fruidor com a obra de arte (em qualquer de suas expressões), pois é ele que caracteriza a “leitura”. E quanto mais frequente for esse contato, maior será a chance de o “leitor” se tornar um aficionado, um apaixonado por tal arte. Esta é uma convicção de praticamente todos os artistas e teóricos de arte: a posição de que nada que se diga de uma obra de arte (por exemplo, uma tela de Andy Warhol – “Díptico de Marilyn Monroe”), nenhuma teoria em torno da Arte Pop pode substituir o espanto, ou qualquer outra emoção diante da própria tela, ou sua melhor reprodução. E, se forem constantes as idas a exposições, ou o contato com livros de artes plásticas, possivelmente teremos um amante delas.

Tampouco a literatura prescinde deste contato: é fundamental que as pessoas, antes de tudo, leiam as obras. Elas, por si, podem formar bons leitores, às vezes até sem terem tido oportunidade de muitos estudos. (Aliás, a força da arte literária merece um belo conto – o primeiro – nesta obra de Guto Lins.) Por outro lado, é óbvio que o estudo da obra lida (ou sendo lida) pode perfeitamente apresentar novas formas de enriquecer a percepção inicial do leitor, tornando-a ainda mais interessante. E isso é o que todos nós pretendemos com essa “segunda leitura”, orientada por profissionais experientes como vocês.

Nossas propostas tentarão sempre isto: apresentar possíveis ângulos da obra, que façam o leitor gostar mais dela – nunca, menos. Se o estudo diminui o tamanho da obra, desvia dela seus alunos, ele possivelmente valeu pouco.

É certo que há alunos que não vão gostar de ler uma obra, ou nenhuma obra. Esses precisarão de maiores cuidados, de maiores incentivos, de outros tipos de textos e de temas – ou de muita paciência. (Eventualmente, aceitem sem culpa que alguns alunos só muito mais tarde – em alguns casos, nunca – se sentirão atraídos pela leitura. Isso, afinal, acontece com todas as artes – e nunca nos culpamos, como pais ou educadores, se o aluno ou o filho não gosta de música, ou de teatro, ou de pintura. O importante é sempre ter a preocupação de não lhes fechar, com trabalhos inadequados, as portas para uma aproximação, um dia, da literatura.)



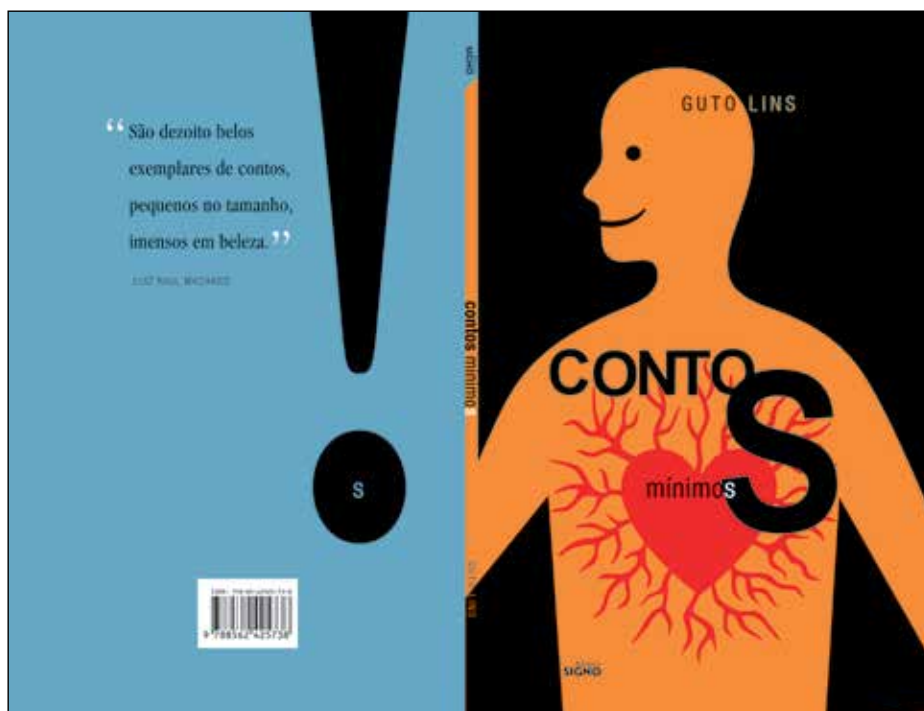
Por último, gostaríamos de propor a vocês uma reflexão com seus colegas de escola: argui-se com frequência a validade e a pertinência das formas convencionais de avaliação (provas, fichas, questionários com perguntas “objetivas”) para a área das artes – inclusive a literatura. As artes não são ciências exatas: nelas, $2 + 2$ não são, obrigatoriamente, 4: elas não têm uma resposta “correta”, porque, plurissignificativas por princípio, possibilitam muitas interpretações, criam várias perguntas e várias respostas possíveis, ou até não querem respostas – apenas, a fruição, a surpresa, diferentes emoções, reflexões impensadas – tudo isso diferente para cada um, e até diversas para cada um, em momentos distintos de sua vida. Por isso, perguntamos: depois de muitos dias de envolvimento e mergulho na obra literária, será preciso “medir” mais alguma coisa? O que “medir”, e com que medida, se gostos, opiniões, preferências, crenças não podem ser impostos, nem cobrados?

Na leitura de **Contos mínimos**, vamos tratar de momentos fundamentais de qualquer experiência pedagógica: a motivação, o desenvolvimento de atividades visando a um tipo de conhecimento (e a arte traz um tipo de conhecimento) – o processo, e a avaliação.

E, como toda obra literária quer estabelecer um longo diálogo com seu leitor, e quer manter-se viva no seu coração e no seu espírito, mesmo depois de sua leitura, vamos sugerir também várias atividades inspiradas nestes contos.

Por fim, apresentaremos algumas sugestões de leituras teóricas, para o caso de vocês desejarem fazer alguma leitura complementar às informações ou às reflexões deste Manual.

I - CRIANDO MOTIVOS PARA LER A OBRA – A PRÉ-LEITURA



Como qualquer ação ou atividade na nossa vida, e também na aprendizagem, nós procuramos fazer o que temos motivos para fazer: movemo-nos tendo razões (ou necessidades) para esse movimento. Se os alunos não forem apresentados a esta obra, não terão motivos para a ler. Como criar o interesse, a curiosidade em torno da obra?

- Certamente, uma forma é explorar o próprio título da obra: no caso, vocês podem lembrar a eles a leitura de outros livros de contos, ou contos trabalhados em sala. *(Talvez tenham lido basicamente os contos na sua forma mais tradicional - também muito importantes, os que têm maior extensão do que os textos deste livro.)*
- Já leram também minicontos, de Drummond, de Marina Colasanti, ou Elias José, por exemplo? Se possível, tenham alguns livros de minicontos desses ou outros autores. *(Resposta pessoal.)*
- Vejam o livro que estamos propondo que vocês leiam. Observem sua capa. Vocês, que já estudaram o corpo humano, estão acostumados a ver um coração com tantas ramificações? O que significará essa “licença poética”, no desenho do coração? E a figura humana, tão simplificada, o que sugere?

(Aceitem as opiniões que surgirem. Afinal, são hipóteses apenas. Mas talvez alguém diga que o coração está tratado aí como seu símbolo mais comum: onde estão guardados nossos sentimentos. Talvez lembrem frases-clichês do tipo: “Ele não tem coração!”, “Oh, coração insensível!”. “Ela tem um grande coração.” A partir dessa ideia, será possível pensar que os contos do livro chegam ao coração, alimentam o coração, com situações de afeto. Eles podem perceber que o coração, aqui, é enorme: ocupa todo o peito da figura humana.

Quanto à figura humana simplificada, parece uma radiografia, onde sobretudo o coração interessa.)

- Vocês imaginam alguma razão para o “S” ser tão maior que todas as letras do título?

(Hipóteses possíveis: ele é cheio de curvas, como as ramificações do coração. Liga as duas palavras do título – inclusive a última escrita em letra bem pequena.)

II - LENDO O LIVRO – MERGULHO NAS HISTÓRIAS



É hora de a turma ler o livro.

Estabeleçam com eles um tempo para todos lerem a obra. (Isso vai depender da turma, inclusive do número de exemplares de livros de que vocês dispõem para seu trabalho. Enquanto leem, tentem saber o que estão achando das histórias, em que ponto estão, se querem fazer algum comentário ou pergunta.)

Lida a obra pelos alunos, mas antes mesmo de começar com eles a “segunda leitura” – aquela que tentará focar mais pontos interessantes da obra, cabe retomar a pergunta para todos: Gostaram? Não gostaram? Querem observar alguma coisa da obra em especial? Naturalmente, eles próprios poderão fazer observações novas, que vale a pena considerar.

(Essa questão deve possibilitar, mesmo, todas as respostas sinceras da turma. As respostas serão mais um elemento para orientar as sugestões de trabalho. Conforme o caso, cabe a vocês contrapor argumentos, ou recuperar alguma posição levantada por um colega.)

1 - Elementos da narrativa

Possivelmente, todos no 9º ano já terão estudado as características do gênero narrativo. Aqui, apenas para relembrar, e introduzir o trabalho com o livro, apresentem-lhes os elementos de uma narrativa. À medida que vocês forem explicando, eles próprios poderão dar exemplos e falar de elementos dos minicontos que acabaram de ler. É uma primeira atividade importante, na leitura da obra: conhecer seu gênero e suas características.

Se quiserem estudar um desses textos, para exemplificar cada dado apresentado, sugeriríamos “A lenda do gachorro”, que tem uma temática muito diferente dos demais contos (não à toa é uma “lenda”), mas que usa de muitos recursos de linguagem e humor típicos da obra.

Lembrete: qualquer sugestão de pergunta não abarca as possibilidades de entendimento das narrativas: vocês e a própria turma podem levantar questões outras, importantes, conforme a perspectiva de cada um. E as respostas propostas às questões são também balizadoras, e podem ter nuances e diferenças. Seria importante discutir as divergências surgidas, sem a ideia de formar uma opinião única.

Narrativa literária (chamada também “gênero épico”) é o gênero em que se conta um ou vários **acontecimentos** – um caso, ou história – envolvendo **personagens** (um ou vários, humanos, animais, ou figuras imaginárias), em determinado **lugar**, em determinado espaço de **tempo**. E, como há sempre quem conta a história, temos a figura do **narrador**, que pode ser personagem (principal ou secundária), ou apenas observador, que tenta relatar o que vê ou ouve. E, mesmo quando aparentemente observador, o narrador é “flagrado” na história, como na última linha do conto “Prezinho – o craque da camisa 8”. Essa presença, assumida como sombra, torna os contos cheios de emoção, o que explica o coração da capa, que é do narrador e invade o coração do leitor. O ângulo adotado pelo narrador para nos apresentar sua história constitui o chamado **foco narrativo**. A forma como o narrador a conta, enreda os fatos, chama-se **enredo**, ou **trama**.

Esses elementos, com importância variável, estão em todas as narrativas: no **romance**, na **novela**, no **conto**. A distinção entre esses três tipos de narrativas é a intensidade e a quantidade de núcleos de ação, o tamanho, o número de personagens. O conto é mais sintético em todos os elementos, é o menor deles – há até uns contos mínimos: os minicontos. A novela é maior que o conto, tem mais personagens, pode até organizar-se em capítulos. Tem menos densidade e é menor do que o romance, que pode ser enorme – pode ter muitas centenas de páginas. Poderíamos fazer uma analogia com histórias da TV: o romance seria a novela, espichada, com muitos grupos, nichos de personagens e de ação, que se tocam em algumas situações. A minissérie seria a novela, e o conto seria uma história construída, condensada, vista de uma só vez, em um dia/noite.

No caso do conto, devemos lembrar que se trata de um gênero que tem várias definições e formatos. Mário de Andrade dizia que conto é o que o autor decidiu chamar de conto. Às vezes, aproxima-se da crônica, e até existe quem leve a ideia do miniconto ao máximo da condensação, a ponto de ter apenas algumas palavras. Na nossa opinião, este aproxima-se claramente do poema. Guto Lins faz o que poderíamos chamar o “tradicional” miniconto, com todos os ingredientes de uma narrativa curta. Tais elementos são rapidamente revisitados a seguir. O que se pode assegurar é que o conto (e mais ainda o miniconto) dispensa qualquer digressão, qualquer excesso: há um só fio de interesse, uma só questão em foco, uma faceta da personagem, criando a chamada “unidade da narrativa”.

Com relação ao enredo – a organização da narrativa em princípio (introdução), meio (o desenrolar do acontecimento) e o fim (desfecho) – temos, nestes minicontos, a introdução e o desfecho muito curtos – no máximo um pequeno parágrafo, dando relevo ao “meio”. Por sinal, o último miniconto é a respeito da feitura da narrativa – da criação desses três momentos: começo, meio e fim. Com esses termos, o autor se dá o luxo de brincar, de maneira bastante divertida, com vários trocadilhos e ditados populares.



Os narradores

Nestes contos, teremos sempre um narrador pulsante: personagem principal ou secundária, podemos senti-lo envolvido nos acontecimentos. Como sabemos, se participa do conto como personagem principal, a narrativa será na primeira pessoa. Personagem, ou apenas observador, é sempre através do que nos mostra este narrador que conhecemos as personagens e as situações, e nos posicionamos com relação à história.



As personagens e os acontecimentos

Num conto, serão sempre poucas, às vezes uma só. Nesta obra, as personagens são extremamente interessantes, e o próprio autor confessa estarem relacionadas com ele de alguma forma. Surgem de sua infância e adolescência, da família (sempre retomadas pelo gênero masculino), ou de situações amorosas (onde o protagonismo é também feminino).

Muitas das narrativas têm um tom memorialístico claro: o narrador refere-se várias vezes a um filme que a memória retoma, em geral com alguma nostalgia, sempre com afeto.

Os acontecimentos, vistos pelo túnel do tempo, são em geral insignificantes, mas vêm redimensionados pela voz adulta do narrador.

O espaço nos minicontos

A indicação do espaço, o lugar (ou lugares) onde se passa uma narrativa pode ter importância maior ou menor, conforme sua estrutura e os demais elementos de sua trama. Nestes minicontos, o espaço é o de uma praça, um jardim, uma montanha-russa, uma sala da casa da família. Ou o narrador não define esse espaço/ambiente, porque deseja sugerir que o fato ocorrido pode acontecer nas mais diferentes latitudes e longitudes.

O tempo nos minicontos

Assim como vimos na indicação do espaço da narrativa, as questões do tempo transcorrido, e do tempo em que se narra a história podem ser pouco ou muito importantes numa narrativa, a depender dos acontecimentos a serem contados. Se for um romance histórico, é clara a importância da demarcação do tempo. Em outros casos, trata-se de acontecimentos, situações e atitudes que poderiam ocorrer em qualquer tempo. Nesses casos, o tempo importa muito pouco. Apenas no miniconto “Links” a exata indicação de datas é importante (e, ironicamente, sua importância será posta em dúvida, no final).

Nestes **Contos mínimos**, vamos ter as duas possibilidades. Cada texto terá situação particular, com relação tanto a tempo quanto a espaço. Várias vezes, o autor apela para o *flashback*: algum elemento do tempo presente do narrador (um assobio, um olhar cruzado, um retrato na parede, uma rua) pode trazer o passado de volta, e apenas uma linha no final da história retoma o tempo presente.

A linguagem dos minicontos

Como já assinalado, a linguagem dos **Contos mínimos** é marcadamente coloquial, com algumas de suas principais características, fazendo dela valor estético, pela coerência, ou pelas brincadeiras propostas:

- a) as reduções e simplificações e elisões típicas da linguagem oral: “pra”, “pro”, “tá no filó”.
- b) as frases curtas e diretas, frases nominais: “Mais que lindas, perfumadas”; “Ainda bem.”; “Bafo na nuca”.
- c) uso de gírias, expressões superlativas: “troço”, “comer a bola”; “(mal) traçadas linhas”; “pra cachorro”; “pulou super-ultra-mega alto”; “desenho animado irado”, “cantar de galo”, “foi mal”, etc.

Por outro lado, o texto traz inúmeras brincadeiras verbais, como trocadilhos, jogos de palavras, uso em contextos diferentes, criando um humor rico de sutilezas. A rima é, também, um recurso constante na obra.

2 - Sugestões de trabalhos para os alunos

Depois de lida a obra toda, será a hora de os alunos mergulharem nos **Contos mínimos**, para a “segunda leitura”.

Creemos que a melhor forma de os alunos trabalharem os contos seja a partir das temáticas prioritárias da obra. Os aspectos narrativos e de linguagem, apontados acima, vão ajudá-los, na procura de dados específicos de cada conto, com sua história particular.

Talvez vocês tenham de atuar em casos especiais. Por exemplo: Pretinho, do segundo conto, transformado em personagem, era um botão, do futebol de botão do narrador. Para quem jogou (ou joga) este tipo de futebol, há botões fantásticos, inegociáveis. A apresentação do Pretinho é tão convincente, como ser humano, que só desconfiamos de que ele pode não ser uma figura humana lá pelo meio do conto, quando o narrador fala em caixas de sapato, balcões de livrarias cariocas, situando melhor o botão. Peçam aos alunos que procurem conhecer mais do futebol de botões com pessoas mais velhas da família.

Há também o reaproveitamento de dados dos contos de fadas tradicionais, com inversões: é um caso de intertextualidade, especificamente de paródias, em “A chave” e “A Bela e o sapo”. E inversão do senso comum, em “Juro que vi”.

Com relação às temáticas, algumas vezes, um conto poderia até estar em dois grupos, dado o tom de lembrança de muitos deles. Há apenas predominância de um elemento sobre outro, o que lhes permite reorganizar os grupos temáticos, se acharem mais proveitoso para seus alunos.

Em todos os trabalhos, é importante que a turma analise também as imagens e sua relação com cada conto em estudo.

1 - A literatura e a criação literária

O primeiro (mergulho) e o último (era uma vez) minicontos tratam dessas questões, que acabam sendo únicas: o esforço do criador, para conseguir uma narrativa de tal modo encantadora, que seja o canto da sereia e proporcione a qualquer um, inclusive aos Zés do mundo um mergulho, que vale a pena, no maravilhoso, profundo e interminável mar de literatura.

2 - Família

Vários minicontos giram em torno da família: o pai, o irmão, o avô, a família reunida em torno da TV. É o caso de: “superpai”, “novo de novo”, “seriado”, “bicicleta”, “casa na árvore”.



3 - Se a memória não me falha: amigos e brincadeiras.

Exemplos: “cascudinho”, “passa giz”, “esconderijo”, “Pretinho, o craque da camisa 8”.

4 - Sempre o amor...

Focalizado em: “links”, “montanha-russa”, “a chave”, “a bela e o sapo”, “juro que vi”.



III - AVALIAÇÃO DA LEITURA

Como já antecipamos, não cremos que formas convencionais de avaliação podem dizer muito de uma leitura literária, sobretudo depois de os alunos terem participado dos vários momentos de trabalho com o livro.

Vale perguntar, de novo, o que acharam do livro, sobretudo para terem elementos para avaliar as estratégias de leitura, as que funcionaram melhor, o crescimento do envolvimento da turma com a leitura.

Podem, também, pedir oralmente, ou até por escrito, uma avaliação do envolvimento de cada um, com relação à leitura da obra, mas usando conceitos definidos com eles: ótimo, bom, regular, ruim – ou outros adjetivos que considerem mais apropriados para a situação. (A autoavaliação, orientada e feita com responsabilidade, é um ótimo instrumento de avaliação da área apreciativa – a que cria valores, gostos, opiniões, crenças, etc.)

IV - INDO ALÉM DAS HISTÓRIAS – A PÓS-LEITURA

Como sempre dizemos, a leitura de uma boa obra acaba, mas ela nos acompanha por muito tempo, por emoções, reflexões ou risos que nos proporcionam. E quanto melhor a obra, por mais tempo ela nos acompanha – às vezes, pela vida inteira.

Estes **Contos mínimos** é um convite para releituras, pesquisas e a visita a outras artes. As propostas que se seguem são muito diferentes, em nível e propósitos, mas são inspiradas nos minicontos lidos. Mais uma vez, só vocês poderão avaliar as que mais se adequam a seus alunos. Algumas atividades funcionam feitas individualmente. Em outras, trabalhos em grupos, criados em função das afinidades entre eles e com os temas, podem gerar boas discussões e abrir horizontes, quando cada atividade for apresentada a toda a turma. Outras podem até ser por pura fruição, para aumentar o repertório cultural e ampliar horizontes (como já vimos que a arte faz), com algum comentário em classe, se os alunos quiserem.

- 1 - Proponham que a turma procure ler outras obras de Guto Lins para o público jovem. Recomendamos especialmente duas delas: Túnel do tempo e Cadernos de Viagem, este último adquirido pelo MEC em programa anterior do PNBE.
- 2 - Proponham uma pesquisa com os adultos das famílias sobre as brincadeiras e jogos citados no miniconto Casa na árvore: pique-bandeira; peladas, circuito do Grande Prêmio de Fórmula 1 de Bicicleta. A discussão seria: por que tais brincadeiras ficaram “fora de moda”, ou inviáveis, no nosso momento, ou, pelo menos, em certas cidades? Que questões urbanas e econômicas aparecem nessas mudanças?
- 3 - No miniconto “Seriado”, há uma crítica à dependência e fixação das famílias à televisão. Atualmente, a discussão caberia também em torno dos smartphones e outros eletrônicos, dos quais os jovens e mesmo as crianças mais novas não se desligam. Proponham o convite a uma psicóloga infantil para falar sobre estudos muito recentes sobre os efeitos do uso ininterrupto de tais aparelhos.
- 4 - Proponham que os interessados pesquisem a Pop Art, em alguma das áreas mais importantes de sua influência atual: na publicidade, na moda, ou historicamente, nas artes plásticas e na música.
- 5 - Proponham à turma a produção de minicontos, ligados a uma das temáticas dos **Contos Mínimos**.
- 6 - Proponham um aprofundamento na discussão da posição do autor Guto Lins sobre a leitura, especialmente a leitura literária: o mergulho na arte como um caminho de descobertas e fascínio, capaz de mudar a vida das pessoas.
- 7 - Guto Lins visivelmente tem pelo objeto livro um grande apreço, expresso no primeiro conto da obra. Muitos alunos têm curiosidade pelo processo de criação e produção de um livro – processo fascinante mesmo: da chegada do original, sua aprovação, sua correção, à escolha do projeto gráfico, etc: cada etapa exige cuidados e leva tempo. Se sua cidade tiver condições, proponha uma visita a uma editora, para conversar sobretudo com o editor, autor, ilustrador, o chefe da equipe de produção gráfica. Se a editora tiver gráfica própria, vale a pena passar por ela. (Vocês sabem: existe o dono da empresa editora, mas ele frequentemente não é o editor, no sentido de “pessoa encarregada de definir a linha editorial da empresa, criar suas coleções e escolher as obras que compõem seu catálogo”. Quando a editora é grande, pode ter editores setoriais: de didáticos, de literatura, de literatura para adultos, de infantojuvenis, por exemplo.)



V - SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

Sugerimos a seguir alguns livros que podem ajudá-los a rever questões de literatura e gêneros literários trabalhados neste Manual, assim como obras que tratam da forma de explorar a literatura na escola. Como não poderia deixar de ser, tais obras apresentam os temas com graus diferentes de profundidade, e cada um de vocês é que pode avaliar aquelas que dizem respeito às suas necessidades.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, Maria A.C. *Mergulhando na leitura literária: propostas de experiências para o Ensino Fundamental*. v.2. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

GANCHO, C.V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2001.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MOISÉS, Massaud. Preliminares. In: *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

PAULINO, Graça & WALTY, Ivete. *Teoria da Literatura na Escola – Atualização para professores de I e II Grau*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/ Departamento de Semiótica e Teoria Literária, 1992.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel T. *Leitura em curso – trilogia pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Lírica, narrativa e drama. In: *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1973.

SOUZA, M. Z. e. *Literatura juvenil em questão*. São Paulo: Cortez, 2001.

ZILBERMANN, R. & SILVA, Ezequiel T. *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1995.

Desejamos-lhes um excelente trabalho!

